ANO I — N.º 10 — 24 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

24 JUL 1941

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

O MENINO E OS SEUS AMIGOS: O SOL, O AR E O MAR (Fotografia do grande artista J. Kirchener, especial para «Vida Mundial Ilustrada»)

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
MANUEL L. RODRIGUES
S. SCHMULEVITZ

ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA
MANUELA DE AZEVEDO

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
GRACIETTE BRANCO
BRAMÃO DE ALMEIDA
MARIA ARCHER
Etc.

O navegador de estranhas aventuras

NUMA tarde de Agôsto do ano passado um barco estranho entrava no Tejo. Uma vela quadrangular sustentada por canas de bambu, fazia lembrar um batel chinês. Dois flutuadores laterais pareciam as patas de um animal préhistórico, que fôsse vermelho como o sangue e amarelo como a luz do sol e não cinzento como a terra informe do Génesis com que tinha sido moldado.

À frente, na proa, uma cabeça de lagarto erguia a sua boca fendida para o azul do céu. E, em baixo, um nome raro e misterioso: «Kaimiloa-Waika». Tão misterioso como os tripulantes dêste barco estranho — um homem e uma mulher. Êle — tisnado de sol, cabeça prateada, expressão enérgica. Ela — morena, pele assetinada, de um tom mate, quente, que sugeria o ambiente dos trópicos, palmeiras e luar. Marido e mulher, o comandante Eric de Bisschop e a Princesa Papaleiaiana chegavam a Lisboa, vindos de França.

Entre nós, ficaram alguns meses. E um dia, o «Kaimiloa-Waika» partiu para a sua rota oceanica: rumo ao Panamá, travessia do Estreito e, depois, no Pacífico imenso, caminho a Honolulu, onde a Princesa nasceu e donde veio êste nome que se ostenta orgulhoso na pequena nave.

«Kaimiloa» significa «Para lá dos horisontes longínquos» — e corre mundo na capa de um livro de renome universal, em que o famoso navegador conta as suas estranhas aventuras através dos oceanos sem fim — desde o seu «Fou-Po» junco chinês de três mastros, repleto de embutidos de madeira vermelha e oiro de Ning Po e de budas de jade nas costas da ilha Formosa e pilhado pelos piratas; passando pelo «Fou-Po II», construído em Wang Yen, a 100 milhas de Ning Po, na ribeira de Hai Men, e que os fados haviam de fazer naufragar nas costas da Papuásia, numa ilha de canibais, onde Bisschop foi tratado como um Deus e onde participou num festim em que se comeu o filho do Rei, o jovem Quiorat, que, imprudentemente, se deixara ferir de morte por um jacaré, e donde partiu para naufragar, de vez, em Molokai, a leprosaria de Hawai — até ao «Kaimiloa» êsse barco cuja quilha foi lançada nos areais perto de Honolulu e cujo nome recorda o velho barco inglês que o Rei hawaiano Kalakaua comprou para realizar o seu sonho de ambição e de poderío, conquistando, com a fôrça dos seus penintenciários, Samoa, Tahiti, e Tutuila, emprêsa falhada, e que foi a única acção de guerra do reino independente do Hawai.

O «Kaimiloa-Waika» partiu do Tejo levando o seu carregamento completo de arroz e de conservas e um par enamorado e feliz.

Havia luar ao longo das nossas costas, mas, ao largo das Canárias, numa noite escura de breu, um pesqueiro espanhol, navegando velozmente e sem luzes, feriu-o de morte. E a piroga polinesiana, com a sua vela de canas de bambu, os seus flutuadores que semelhavam às patas de um animal estranho, e as suas riqueza, perdeu-se para sempre.

Salvaram-se as vidas. E Bisschop e a Princesa Papaleiaiana instauraram um processo de perdas e danos à firma proprietária do barco causador do desastre. E aí estariam ainda se o Marechal Pétain não chamasse a França o seu afilhado querido.

E o comandante Eric de Bisschop, com um fato de empréstimo, partiu para Vichy.

E foi lá que lhe confiaram uma missão — a de agente consular da França nas ilhas Hawai — terra onde mandaram os ascendentes de sua mulher, a princesa feliz.

E agora, de novo em Lisboa, acabam de tomar o vapor de carga que os leva à América do Norte, donde partirão para Honolulu.

JOSÉ AUGUSTO

O COMANDANTE ERIC DE BISSCHOP E A PRINCESA PAPALEIAIANA, a bordo do «Kaimiloa-Waika», quando da sua passagem por Lisboa. (Foto do grande artista francês Roger Kahan)

Uma companhia expedicionária recebe a BANDEIRA NACIONAL

UMA COMPANHIA EXPEDICIONÁRIA DE METRALHADORAS 1, que há dias partiu para as ilhas, recebeu, numa cerimónia de alto significado, uma bandeira Nacional, como preito de homenagem às suas virtudes patrióticas — distinção invulgar na história militar. O acto, a que assistiu o sr. ministro da Guerra, efectuou-se no Terreiro do Paço, pouco antes do embarque no «Niassa».

FOI O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR, na sua qualidade de ministro da Guerra, que, acompanhado do sr. Subsecretário de Estado daquela pasta, e de vários oficiais e generais, entregou a Bandeira Nacional à companhia expedicionária.

O DESFILE DA COMPANHIA FOI IMPECÁVEL. A multidão aclamou-a. Atrás do comandante, seguia a «mascote» do contingente — um carneirinho branco, que entende os toques de clarim e forma com os soldados, com a maior compostura.

CALÇADA DA GLÓRIA

A EUROPA

O conhecido escritor humorista Armando Ferreira é, como sabem, secretário da Companhia dos Telefones. O que talvez nem todos saibam é que êle tem, no seu gabinete da Companhia, um grande mapa da Europa pendurado na parede, e sôbre êsse mapa uma enorme tira de papel onde estão escritas estas palavras: «Em preparação!»

Eis, em bom rigor, a única verdade geográfica europeia.

ARMAS

URBANO de Castro que foi um dos nossos jornalistas de mais fino espírito, afirmava, uma vez, do alto da sua sobrecasaca preta:

— De tôdas as armas, a mais difícil de manejar — é o pau de dois bicos...

IDADE DE OIRO

SEGUNDO informam os jornais, Harvey Lehman, doutor da Universidade americana de Ohio, chegou à conclusão de que aos 58 anos o homem atinge a plenitude do seu poder económico e financeiro: quere dizer a sua idade de oiro. E qual será a idade de oiro da mulher? Não o diz o sábio, mas talvez nos elucide a êste respeito a história daquele sagacíssimo sujeito que entrou numa loja e se dirigiu ao empregado, nestes termos:

— Fazia-me obséquio...

— Queira dizer.

— Minha mulher tem 50 anos...

— ?

— Trocava-ma por duas de 25?

UMA PREGUNTA

PORQUE será que estando sempre a saltar o pèzinho às mulheres quando se trata de casar, os homens lhes pedem a mão — e não o pé?

O REI DE PORTUGAL

QUANDO da realização do Terceiro Congresso Internacional da Crítica, que se reüniu na Roménia, Portugal fêz-se representar por alguns críticos e, entre êles, Paulo de Brito Aranha. No momento em que a rainha Maria e o pequeno rei Miguel recebiam os delegados no palácio real, deu-se um episódio curioso. Inesperadamente, o Rei Miguel olhou Paulo de Brito Aranha, espampanante no seu uniforme de oficial de engenharia, e não se conteve que não preguntasse, a meia voz, à princesa Helena:

— Êste senhor é que é o rei de Portugal?

SAMPAIO E RACINE

UMA ocasião, era ministro do Reino António Rodrigues Sampaio, José Luciano de Castro queria à viva fôrça que o govêrno demitisse o governador civil de Viana do Castelo que era provado regenerador.

— Não demito! — exclamou Sampaio, em plena Câmara.

— Pois morrerá com êle! — ripostou José Luciano.

Imediatamente Sampaio, que tinha uma memória privilegiada, lembrou, perante o sorriso da assembleia, as célebres palavras de Racine:

— *Il m'est plus doux de mourir avec lui, que de vivre avec vous...*

MURRO LITERARIO

Calçada da Glória, de madrugada, ao vento.
Pimenta e Olavo esmurram-se em duelo.
Olavo está vermelho, o Pimenta amarelo...
Ainda há quem se esmurre por um grande Pensamento!

Trocam-se seis tabefes. Há sangue! Galhardia!
Nisto, ouve-se perto, o murmurar dum tiro.
João das Regras surge — é o polícia de giro —
E prega os desordeiros — na esquadra d'Alegria...

TALENTO E DINHEIRO

UMA noite discutia-se no antigo Centro Regenerador o que cada um dos presentes — e eram duas dúzias — desejaria ser, em matéria de homens célebres portugueses. Por brincadeira, fêz-se uma votação e quando se procedeu à verificação do resultado, constatou-se isto: tinham entrado vinte e quatro listas; dois dos votantes queriam ser Bocage; três, Alexandre Herculano; cinco, Fontes Pereira de Melo; e os restantes — o Monteiro dos Milhões...

ACTRIZES

DESTA vez vais ficar satisfeita — dizia um empresário à vedeta da companhia: — Tens na nova peça um papel interessantíssimo.

A vedeta, encolerizada:

— Interessantíssimo? Com o mesmo vestido nos três actos!

LACONISMO

UMA vez, Victor Hugo, sem notícias do seu editor a quem havia remetido o manuscrito dum romance, enviou-lhe uma carta em que traçou apenas seis pontos de interrogação:

— ? ? ? ? ? ?

Logo o editor respondeu, com a admiração de sempre:

— ! ! ! ! ! !

PROFETAS

QUANDO há anos Lloyd George passou por Lisboa preguntaram-lhe os jornalistas se a paz de Versailles teria sido definitiva. Respondeu:

— Julgo que sim. Uma ou outra nuvem negra, pequenos abalos, mas tudo se encaminhará, pouco a pouco, para a tranqüilidade, para o amor...

Diz-se que ninguém é profeta na sua terra. Pois Lloyd George também o não foi na casa dos outros...

POLÍTICA

TRADUZO de cór Louis Latzarus: «Afirma-se que a Política é a arte de governar os povos. Em todo o caso, essa arte consiste simplesmente em seduzir alguns milhões de pessoas por processos idênticos aos do camponês que vende, em plena feira, a sua vaca ou o seu porco».

MONÓCULOS

PODEM ser imparciais os homens que usam monóculo — vendo as coisas só por um lado?

EMBAIXADORES

CERTO pretendente apresentou-se, uma tarde, no edifício de determinada embaixada, a-fim de se avistar com o embaixador.

— Sua Ex.ª não pode recebê-lo — informou o porteiro.

— Tenho hora marcada, há três dias.

— Mas é que se enterrou hoje a sogra do sr. embaixador.

— Ah! Sim?

— É verdade. E nos dias em que se enterra a sogra de Sua Ex.ª, o sr. embaixador não costuma receber ninguém...

ZECO

O caricaturista Zeco — risonho colaborador desta página — fêz um dia a caricatura de certo sujeito. A mulher do caricaturado, ao ver a caricatura, achou-a magnífica de charge e de pitoresco. Zeco, animado pela apologia, fêz seguidamente a caricatura da senhora. Foi o fim do mundo...

UM EXEMPLO

JOSÉ Fernandes da Costa Pereira Júnior, brasileiro ilustre que foi ministro da Justiça durante o Império, conhecia e prezava a língua portuguesa como poucos. Mesmo absorvido pelos seus afazeres e pelas suas preocupações de ministro, nunca deixava de corrigir, com o mais escrupuloso cuidado, os ofícios que tinha de assinar.

— É necessário que o govêrno seja acatado — dizia êle — ao menos pelo meu português...

CHICO REDONDO

HÁ por aí ainda muita gente que se lembra de Chico Redondo. A vida dêste homem, simultâneamente artista e boémio, dava um excelente romance de aventuras.

Uma noite, em Berlim, atravessava êle uma das ruas, quando ouviu algumas palavras, menos respeitosas, acêrca da sua gordura. Voltou-se; agarrou no maldizente e sovou-o à antiga portuguesa. Interveio a polícia e acabou tudo perante a autoridade.

— Sou D. Francisco de Sousa Coutinho, barítono da Grande Ópera Imperial... Estreio-me amanhã... — declarou o nosso compatriota.

O sovado olhou-o, com respeito; e estendeu-lhe a mão, numa reverência:

— Pois eu sou «claqueur» da Ópera! Muita honra em conhecer o enormíssimo barítono!

E foram cear juntos.

Luís S'Oliveira Guimarães

a Inglaterra vigilante no Suez

O CANAL DE SUEZ, PORTA DE PASSAGEM ENTRE O MEDITERRÂNEO E O MAR VERMELHO, continua, não obstante tôdas as diversões da guerra, a ser um dos mais importantes objectivos da luta. No canal e nas bases que o dominam, a Inglaterra continua a estar vigilante. Os efectivos dos Exércitos do Nilo foram extraordinàriamente aumentados e agora, às ordens do general Sir Claudel Auchinleck, mantêm-se de guarda a esta importante via de comunicação marítima.

EM PORT SAID, soldados das tropas imperiais britânicas vigiam o canal. As defesas anti-aéreas foram reforçadas e, nos aeroportos do Egipto, aviões de «caça» da R. A. F. estão sempre a postos para interceptar os ataques que visem obstruir o canal. Na foto, vê-se um barco de transporte prestes a atravessar a estreita faixa.

Por terras do Próximo Oriente

Do vale das melancolias ao monte das águias

por Eduardo Dias

Uma rua da cidade de Alepo.

APÓS a minha derradeira andança pelas rotas do Levante, mostrei em livros algumas impressões daquelas plagas em todos os tempos favoritas dos grandes sonhadores de extenso mando ou de conquistas de tipo religioso — Alexandre e Cruzados —, e neles descrevi solos violentamente submetidos a vagas asiáticas e europeias, desde as bárbaras hordas íberas e árabes até às legiões de Bonaparte e os mandatários do presente. Supõe, contudo, o amável director desta revista que eu devia ainda conservar outros materiais, interessantes nesta oportunidade para os seus leitores — e convida-me a depôr como testemunha presencial.

Há, com efeito, muito para dizer — e por isso difícil de condensar num artigo leve — a respeito do que se convencionou denominar «Próximo Oriente» — essa faixa territorial compreendida entre o Tauro e o Mar Vermelho, o Eufrates e o Mediterrâneo, extensão com visível unidade geográfica, e etnográfica e politicamente fragmentada. Os tratados e as conveniências europeias começaram por separar do bloco a Transjordania e a Palestina. Depois, no que restava da Síria unitária, outros golpes foram vibrados, novos esfacelamentos produzidos — e surgiram o Líbano independente e os «Governos» de Lataquié e do Gebel Druso. Assim, aquele torrão alcantilado que se estende numa superfície que não atingia 7.000 quilómetros quadrados — o Líbano de 1914, sob a dominação otomana — aparece depois da guerra acrescido de Beirute, Tripoli, Saida e Beca, e ornado com um presidente e uma carta republicana parlamentar. Quere dizer: a Síria passou a constituir dois Estados com dois parlamentos e mais dois governos com relativa autonomia! (A rigor ainda se pode acrescentar os regimes administrativos especiais de Alepo e Alexandreta — esta última região cedida aos turcos há pouco tempo).

¿Que pretendiam os políticos franceses com estas aparentemente bizarras e múltiplas divisões territoriais e administrativas? Por certo amainar os tremendos conflitos dos vários núcleos religiosos... e servir clientelas eleitorais. O resultado foi que, tendo levado para o Oriente, com a sua cultura e o seu afinco às tradições europeias, um parlamentarismo incoadunável às instituïções históricas locais e ao espírito já de si irrequieto dos indígenas, os franceses cometeram uma imprudência que lhes tem custado muito cara e pode acarretar a perda da sua benéfica influência naquelas paragens. E só um facto explica o desacêrto, entre muitos, que levou a dotar o Líbano com um presidente, duas Câmaras, sete ministros e tôda a sua pesada engrenagem burocrática, para governar... um milhão de habitantes! Êsse facto é que certas zonas do Império francês necessitam de uma compreensão especial, do conhecimento perfeito e da isenção admirável que manifestaram Lyautey, Pétain, Weygand e Gouraud, quando efèmeramente os deixaram livres das peias e cabalas dos políticos profissionais. Está provado não ser com abundância de parlamentos e autonomias perigosas que se governam povos heterogéneos e que sobrepõem à ideia da Pátria as suas rixas permanentes de carácter religioso. É mister unidade de comando e aquela energia inteligente de que, em territórios ocupados pela França, apenas alguns dos seus reputados generais têm dado seguras provas.

O que se fêz politicamente na Síria, trouxe como paradoxal conseqüência a indiferença com que os nativos assistiram à luta que recentemente ali se desenrolou. A Síria, em geral, dêem a cada pedaço o nome que quiserem, deve imenso à França. A França tem gasto ali milhões e consumido milhares de vidas preciosas dos seus filhos para garantir o bem-estar dos sírios. E nada disso, nenhum sacrifício, consegue despertar o reconhecimento dos beneficiados!

Em Beirute, que o génio francês transformou em bela **Côte d'Azur** oriental, nessa agitada cidade em que o espírito encontra duas Universidades — uma francesa, outra americana —, várias escolas superiores e outros centros de cultura, nêsse ambiente intelectual e de elegância europeia, com seus esquisitos perfumes e tons das **Mil e uma Noites,** — em Beirute os franceses encontram a hostilidade permanente dos muçulmanos que os acusam de haver cedido Alexandreta aos otomanos e conspiram no sentido de realizar o sonho de Lawrence: um vasto império com uns cem milhões de habitantes de língua árabe.

Em Damasco... em Damasco reprova-se também a fatal questão de Alexandreta, sob o fundamento de que aquele pôrto era o natural escoamento da Síria do norte e o empório das mercadorias vindas do interior da Ásia com destino ao Medterrâneo considerando-se a dádiva do **Sanjaque** uma derrota da Síria. E, naturalmente, a velha e perturbadora cidade dos Omíadas não suporta a independência do Líbano e as mutilações resultantes das outras autonomias engendradas pelos franceses. Por isso, nas misteriosas e coloridas ruelas do fascinante burgo dos califas, entre as melífluas e sarcásticas ofertas de flores para «apaziguar a sogra», de frutos em cujas árvores «cantam os rouxinóis que não deixam dormir, de noite, os guardas», de pãesinhos que são «alimento de andorinhas», — nessas vielas escuras, nos bazares e caravansarais, tudo conspira e trama contra os franceses...

Alepo, centro ideal de ascetas cristãos e de excêntricos dervixes muçulmanos, é calmo e distingue-se na barafunda levantina. Orgulhoso da sua formidável cidadela, magnífico espécime da arte árabe em que se vislumbram ressaibos do tipo de fortaleza peculiar aos Cruzados, Alepo viu desaparecer a sua importância de ponto de reünião das caravanas que vinham das profundurs da Ásia, via Bagdá. Tudo ali é também hostil ao mandato francês. Além das razões comuns a tôda a Síria, o facto é explicável se recordarmos a argúcia e a habilidade com que os alemães ali se instalaram há muito tempo, com os seus engenheiros e doces irmãs de instituïções católicas, todos mais empenhados em fazer detestar os concorrentes — que em cativar simpatias... E não é de surpreender se, em dia próximo, Alepo tiver a sorte de Alexandreta, de tal maneira as duas cidades se encontram intimamente ligadas pela geografia e pela história, ambas quási na fronteira turca.

Hama com as suas noras, cuja música tanto recorda o lirismo da nossa paisagem, Homes, ao contrário, invadida pela actividade barulhenta do **Pipe-line,** são dois vulcões que os agitadores políticos e os fanáticos das várias correntes e dos numerosos cismas trabalham sem piedade contra a França. Palmira, rota indispensável e paragem obrigatória na ligação entre Damasco ou Homes e a Mesopotamia, conserva escancaradas as suas gloriosas ruínas, num espanto indefinível perante a invasão das garages modernas que absorvem os tradicionais caravansarais. As lutas a que assistiu, no desdobrar dos séculos, mostram-lhe a fragilidade dos sonhos daqueles que constroem cidades na areia fulva e movediça dos desertos...

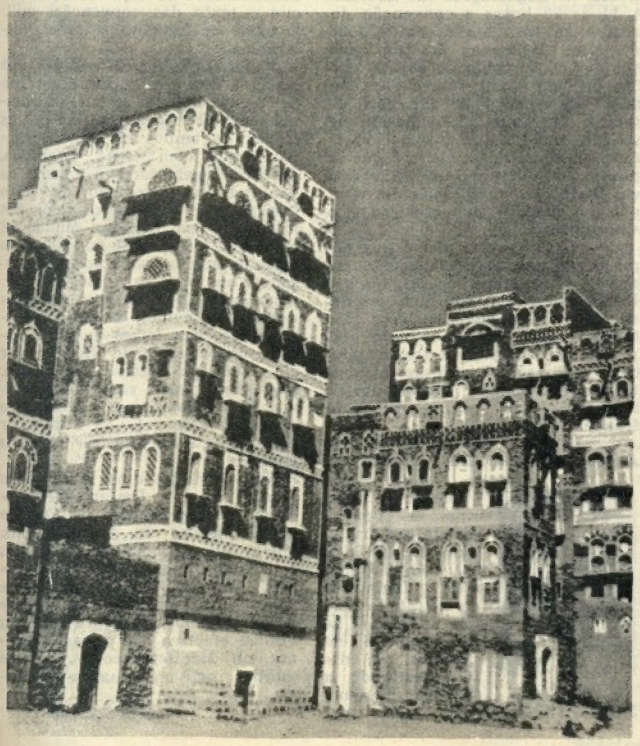
Muito haveria para dizer sôbre a efervescência política em Lataquié, reduto dêsses estranhos Alauitas, que se dizem muçulmanos e usam esta bizarra fórmula de saüdação: «Que Deus te faça viver e morrer na fé de Cristo!» Não menos haveria para contar acêrca da revolta permanente dos Drusos, sempre à espreita do momento jeitoso para trucidarem dominadores e governantes, sem preocupação de origem e credo. Isso porém

(Continua na pág. 12)

UM ASPECTO DAS RUINAS DE PALMIRA, uma das cidades conquistadas pelas tropas britânicas durante a recente campanha da Síria.

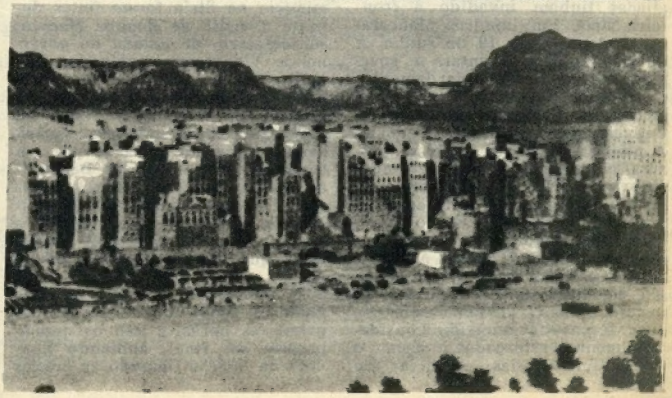
Casas de Damasco, capital da Síria.

FALA-SE AGORA MUITO DA ARÁBIA. Mas muita gente ignora que, no deserto árabe, há arranha-céus. Na região meridional do país — Hadramut — junto ao golfo de Aden, o deserto é cortado de oásis, leitos de rios sêcos, com correntes de água subterrâneas que transformaram a região num paraíso de vegetação tropical. Foi aí que os árabes edificaram três aldeias-modêlo com arranha-céus de barro virgem. A mais antiga dessas aldeias é Shibam, capital do vale do mesmo nome, com uma população de 7.000 almas. Os arranha-céus são construídos com tejolos de barro que os indígenas secam ao sol. Êstes edifícios, com cêrca de 15 a 20 andares, conseguem resistir muito tempo, graças ao clima extraordinàriamente sêco da Arábia. Nêstes arranha-céus, vivem numerosas famílias.



Arranha-céus no deserto

A esquerda: Uma vista de Shibam, com os seus edifícios elegantes de arquitectura árabe; em baixo: uma vista panorâmica de Sana, outra aldeia de arranha-céus.



Panorama Internacional

Convenção de paz, aliança de guerra

por Francisco Velloso

A semana foi traçada por dois acontecimentos, a convenção da Síria e a aliança anglo-russa, que retumbaram tanto como os estrépidos formidáveis dos combates travados e retravados que há mês e dias mostram ao mundo ansioso o choque ciclópico dos maiores exércitos do mundo, numa batalha sem precedentes. A Inglaterra, por enquanto, continua a respirar.

A DESFORRA DE CRETA

WILSON

Há pouco mais de quinze dias, o general Dentz, alto comissário e comandante-chefe das «tropas» de Vichy», segundo a terminologia de um telegrama que chegava de Londres, propunha ao general Wilson, comandante chefe das tropas inglêsas e das da «França Livre» chefiadas pelo general Catroux, um armistício para a cessação da luta. A proposta fora feita *por intermédio dos Estados Unidos*, dizia aquele despacho.

Os dois exércitos defrontavam-se em Beirute. Wilson acabava de declarar que não esperaria por mais tempo a evacuação da cidade e ia passar ao assalto. Os australianos tinham já avançado pelos subúrbios.

Explicando o acontecimento, o general Huntziger, ministro da guerra do gabinete Darlan, redigia e publicava no dia 9 um comunicado em que, declarando a impossibilidade de enviar, em quantidade suficiente, ao general Dentz, reforços que já preparara, *dera autorização* a êste último para pedir a imediata suspensão da luta. E acrescentava: «Efectuaram-se ontem diligências neste sentido em Beirute por intermédio do cônsul geral dos Estados Unidos».

Havia um mês que as tropas aliadas tinham invadido a fronteira síria. Em Londres planeara-se o ataque para 19 de Junho. A opinião pública levantara-se enèrgicamente contra os retardamentos da política defensiva, e exigira o ataque imediato em termos indiscutíveis que a imprensa traduziu. A política de guerra britânica passara ao ataque. O jornal francês *Effort* escrevia: «A Inglaterra quere ainda salvar o seu império ameaçado pelas fôrças do *Eixo*, sobretudo depois que estas conquistaram Creta. O ataque à Síria é uma tentativa para demorar o que ela considera uma catástrofe». O general Dentz afirmava que as suas fôrças haviam sido consideràvelmente reforçadas, «com o consentimento das potências do *Eixo*» e estavam capazes de repelir a invasão.

À Inglaterra urgia (e o perigo ainda não passou de todo) salvar em Chipre e na Palestina as posições básicas do Egipto. O destino fizera com que a guerra da Síria se transformasse, como aqui se lhe chamou, na *guerra das duas Frenças*.

Extraordinàriamente abreviada pelo desencadeamento da luta germano-russa que obrigou a Alemanha a interromper, logo ao termo da campanha de Creta, a sua ofensiva no Mediterrâneo, deixando Dentz sem auxílios, a da Síria remata portanto na capitulação dos defensores, no tabuleiro onde se desenrolaram os dois graves problemas que a abriram e caracterizaram. A Inglaterra recupera tôdas as posições no Médio Oriente, e no Mediterrâneo Oriental, deixando ao general Wawell tempo e meios para afrontar, desde a Índia, as infiltrações do *Eixo* na antiga Pérsia, onde se pretende renovar o golpe do Iraque, e acorrer a possíveis defesas do Caucaso. O dissídio interno da França vê alterados os seus termos.

OS BASTIDORES DUM ARMISTÍCIO

CATROUX

O ultimato de Wilson a Dentz para a evacuação de Beirute terminava às 17,30 do dia 8, hora local. Os Estados Unidos tinham já então intervindo, porque na manhã do dia 10, segundo telegrama de Vichy, ainda o general Dentz não tinha recebido resposta «ao seu pedido de suspensão de armas formulado no dia 8», e êsse pedido fôra feito pelo cônsul norte americano com conhecimento de Washington. Wilson apresentou as condições logo a 9, as quais também por intermédio do representante de Washington em Vichy foram apresentadas na capital política da França. De facto, convém ter presente que de Istambul no dia 11 informavam que as primeiras negociações para se assinar um armistício na Síria foram feitas durante a visita de Benoist Mechin, subsecretário de Estado do govêrno de Vichy, ao embaixador britânico em Ankara; que o govêrno britânico comunicou a proposta ao govêrno de Washington, que deu instruções ao cônsul geral americano em Beirute para se pôr em contacto com o general Dentz, e que mais tarde, o general Dentz escreveu uma carta ao general Wilson, dizendo estar pronto a examinar as condições de armistício, que lhe foram então enviadas.

A intervenção norte americana regia os acontecimentos desde as primeiras horas, e não os desampararia até final, apoiando Londres na Síria e limando as arestas em Vichy. As modalidades sucessivas das negociações não têm outra explicação.

Entre as dez condições inglêsas, apareciam estas duas fundamentais: «A Inglaterra não alimenta quaisquer ambições territoriais sôbre a Síria e Líbano e apenas pretende ter a certeza de que estes territórios não serão utilizados pelo *Eixo* como bases terrestres ou navais. Os interêsses franceses serão salvaguardados pelo franceses livres dentro dos quadros da independência que foi garantida à Síria pelo Govêrno inglês».

A resposta francesa, entregue no dia 11 à tarde, denegava em absoluto negociar com os representantes de De Gaulle, a quem reputava traidores, e devolvia ao general Dentz os poderes necessários para, em caso contrário, retomar as hostilidades.

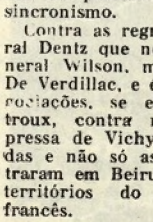
Weygand fôra chamado a Vichy. De Gaulle que continuava no Congo, diante do problema da presença dos alemãis em Dakar e mais para o sul, donde infestam o Atlântico, nomeava Catroux seu representante plenipotenciário. O govêrno turco apresava as poucas unidades navais francesas, escapas à aviação e à esquadra britânica, que se haviam refugiado em Alexandreta.

Mas a relutância de Vichy de nada valeu.

À meia noite de 11, tocava a cessar fogo na frente da Síria e às cinco da manhã seguinte, o general Dentz atravessava as linhas inglêsas. As negociações são abertas. A 14 às 20 horas a convenção do armistício era assinada em S. João de Acre. Deixa-se ver, por uma simples conferência de horas e datas, que em Vichy houve efectivamente de começo um assombro de recusa, mas que antes mesmo de ser êste quebrado, já as negociações estavam começadas. Entre o que se passou em Vichy e o que se passou em Beirute e em S. João de Acre, não foi perfeita a correlação e o sincronismo.

Contra as regras, não é o general Dentz que negoceia com o general Wilson, mas o seu adjunto De Verdillac, e é êste que, nas negociações, se encontra com Catroux, contra recomendação expressa de Vichy. São tropas aliadas e não só as inglêsas que entraram em Beirute e ocuparam os territórios do antigo mandato francês.

A FEDERAÇÃO ÁRABE



RIBBENTROP

Obtido o principal, a convenção de um armistício foi, em troca, transformada pela Inglaterra em tratado de paz — como se lhe chamava em Londres, no dia 16 — destinado a dar tranqüilidade à Síria. Tôdas as cláusulas são ditadas por um espírito de conciliação, que não condiz às primeiras ordens de Vichy ao seu alto comissário (figura que a partir do dia 12 desapareceu do cenário) e que deixa implicitamente ressalvada a liberdade das tropas vencidas preferirem ficar na Síria, em vez de regressarem às autoridades vigentes em França. Dêste modo, os objectivos iniciais de Wilson e De Gaulle estão intactos. E separando nìtidamente a convenção militar dos objectivos políticos, a Inglaterra reserva plenamente a criação da federação dos Estados Árabes, para a qual já a 15 haviam começado no Cairo extra-oficialmente pactos de unificação aduaneira e acordos comerciais.

«Os países já envolvidos nas negociações — diziam de lá — são o Egipto, Palestina, Transjordânia, Iraque, Síria e Líbano. A Arábia saudita e o Yemen, que tradicionalmente seguem uma política individualista, é provável que sejam fortemente influenciados. Esta influência também seria sentida no Irão, onde ùltimamente tem estado muito activa a propaganda do *Eixo*.»

Churchill festejou tôda esta vitória nos Comuns, no dia 15, em termos que deixam antever exactamente que foi por atenção ao povo francês e a uma transformação para melhor das relações com Vichy (e deve estar aqui através da acção dos Estados Unidos e sob a influência enorme da opinião francesa, o segrêdo das mudanças na conclusão do capítulo da Síria) que o texto das convenções militares se encheu de recíprocas deferências:

«O facto das nossas relações, tais como se encontram, com o govêrno de Vichy, não terem piorado nestas semanas angustiosas em que as tropas de ambos os lados se defrontaram com tanta disciplina, destreza e galantaria, é a prova da profunda compreensão do povo francês pelo verdadeiro valor dos interêsses em jôgo no Mundo. É uma manifestação de que o mesmo espírito que os guia nos dá coragem a nós para os nossos bombardeamentos, a-pesar-de as bombas dos nossos aviões, devido aos azares da guerra, terem de ser lançadas sôbre território francês por êle estar nas mãos do inimigo. Não procuramos vantagens na Síria. O nosso único objectivo ao ocupar aquele país, foi o de bater os alemãis e de procurar vencer a guerra.»

Na guerra das duas Franças não foram Laval e Darlan quem ganhou. Os comentários do *Effort* e as afirmações do general Dentz, cheias de tendências pró-alemãs conhecidas, passaram como desabafos inúteis. A agulha variou de rumo. Foi esta, desde o baquear da resistência helénica a primeira vitória efectiva das armas britânicas no Mediterrâneo. A opinião pública inglêsa intimando a urgên-

(Continua na pág. 12)

o caso da semana

Uma lápide na cripta da catedral de Lourdes recorda o sacrifício dum herói americano

por Carlos Ferrão

LENTAMENTE foram chegando à cripta da Igreja de S. Paulo algumas personalidades eminentes na política, na diplomacia, no exército e na aviação. À frente dêles, o secretário e representante do Primeiro Ministro, Brenclan Bracke, depois o embaixador dos Estados Unidos, John Winant, ao lado do ministro do Ar, Archibald Sinclair. De volta, nomes conhecidos na epopeia aérea da Grã-Bretanha, o marechal da Aeronáutica, Sir Charles Portal, o vice-marechal do exército do ar canadiano, Breadner, o comandante da defesa aérea de Londres, Bertram Sergison Brooke, o ministro do Ar canadiano, Power.

O dia da independência dos Estados Unidos ia ser comemorado com uma cerimónia simples que simbolizava a fraternidade de armas de inglêses e americanos, pondo em relêvo o espírito de sacrifício dos primeiros, o estoicismo inabalável dos segundos. Dois hinos nacionais, um discurso oficial, uma ovação e uma lápide simples seriam as únicas manifestações exteriores daquêle espectáculo. Nos olhos de quási todos os presentes, habituados a jogar a vida, uma lágrima furtiva. A derradeira homenagem a um herói tinha de ser um símbolo de inibidade e de coragem.

William Mead Lindsley Fisk tinha vinte e nove anos e uma noiva deliciosa. Fizera a vida de ar livre e de risco que caracteriza a mocidade desportiva do seu país. Os camaradas e os amigos chamavam-lhe, com simplicidade e simpatia, «Billie», Billie Fisk. Logo que rebentou a guerra, veio para Inglaterra. Alistou-se, como voluntário, na aviação. Esteve em França e assistiu à derrocada que parecia irreparável. Incorporado na esquadrilha de caça n.º 601, viu os bombardeiros inimigos pairarem ameaçadoramente no céu da sua pátria de eleição. Foi dos primeiros a subirem e dos primeiros a tombarem. Em 16 de Agôsto, o seu aparelho, que conhecia a embriaguez da altura e da vitória, caía envolto em chamas. Dois dias depois, «Billie» morria num hospital.

Uma cerimónia impressionante

Era tôda esta carreira fulgurante que uma pedra simples, cercada de flores, evocava numa legenda de meia dúzia de palavras: «Um cidadão americano que morreu para que a Inglaterra possa viver». Por cima desta inscrição, singela e plena de fôrça interior, o busto de Washington. Em redor dela, a emoção profunda dos camaradas de luta e de aspirações.

A cripta encheu-se com os hinos inglês e americano. O cenário conhecia a angústia das noites levadas na vela dos ataques sucessivos e mortíferos. Durante semanas servira de abrigo a algumas dezenas de mulheres e crianças que tinham aprendido a lição dura da guerra e dos sacrifícios que ela impõe. Os claustros repercutiam, solenemente, as notas graves que uma banda escolhida da R.A.F. ia tocando. Todos os presentes se sentiam irmanados pelo mesmo espírito, pela mesma confiança e pela mesma decisão. No ambiente, pairava a sombra das horas más passadas e recordadas.

Insensìvelmente, as vozes ergueram-se a acompanhar o som dos metais. Um côro comovido e unânime saüdou os restos mortais do soldado que enchia as imaginações.

O deão da catedral, Dr. Mathews, levantou-se para pronunciar uma oração. Ainda esboçou um gesto de ritual que todos surpreenderam. Mas logo, no meio do silêncio que se fizera, clamou, numa emoção: «Nunca tantos deveram tanto a tão poucos». Como num cerimonial, cuidadosamente preparado, os presentes repetiram, em murmúrio, a legenda churchiliana.

Novamente as músicas e os cânticos se fizeram ouvir. Lá fora, a guerra continuava a devastar o mundo. Naquêle recanto, uma tranqüilidade inesperada sucedia à inquietação de tanto tempo. «Billie» Fisk era um dos mártires dessa transformação.

O MINISTRO DO AR INGLÊS, Sir Archibald Sinclair, rodeado dos altos comandos da R. A. F.: Lord Hamilton, Capitão Balfour, Marechal Garrod, Comodoro Charnier e J. Wolfenden.

O discurso do ministro do Ar

Um discurso do ministro do Ar, Sir Archibald Sinclair, resumiu as proezas do aviador americano, significando as homenagens da Grã-Bretanha: «Oito dias depois de começar a batalha da Grã-Bretanha, uma esquadrilha de bombardeiros inimigos atacou um aeródromo situado no sul da nossa ilha. Para lhes dar combate subiu uma formação de «Hurricanes». Iniciou-se um combate muito violento. Era um dos numerosos combates que haviam de terminar pela vitória britânica».

«Um dos homens decididos que tomaram parte nessa acção chamava-se William Fiske. Um comunicado lacónico do comando da aviação anunciou que êle fazia parte da esquadrilha de caça n.º 601 e que fôra gravemente ferido em combate no dia 16 de Agôsto. O seu avião caíu em chamas no aeródromo, depois da luta».

Sir Archibald Sinclair repetiu: «Depois da luta». E acrescentou:

«O pilôto William Fiske não tinha obrigação de se bater pelo nosso país. Não era inglês. Era um cidadão dos Estados Unidos».

«Na sua frente, tinha uma carreira prometedora. Estava associado aos interesses duma firma poderosa de Nova-York. Tinha uma reputação como campeão de desportos de inverno».

«Nenhuma pressão, nenhum compromisso o obrigavam a bater-se pela Grã-Bretanha. Mas veio, bateu-se e morreu. Um poeta latino disse um dia que o destino mais brilhante que o homem pode ter é morrer pela sua pátria. Os companheiros de William Fiske sabiam por que morriam. Eram todos seus amigos. Tinham brincado com êle. Com êle morreram».

O exemplo do aviador norte-americano ficou na memória de quantos o conheceram e puderam apreciar a sua bravura pessoal, a sua decisão perante o risco e a sua isenção.

A colaboração anglo-americana

Sir Archibald Sinclair recordou os mentores da causa da solidariedade humana, de Socrates a John Brow, para acentuar que o sacrifício de William Fiske não resultaria inútil.

«Foi por isso, acrescentou, que nós escrevemos sòbriamente a crónica de sua vida e da sua morte, arquivando-a no escrínio da capital do nosso Império. A grandeza dos seus actos não será apenas testemunhada por uma singela inscrição talhada na pedra. A memória dos vindouros há-de recordá-la sempre. É êsse o melhor monumento que poderíamos erigir para perpetuar a sua heroicidade e o seu espírito de sacrifício».

A colaboração anglo-americana intensifica-se, à medida que o tempo decorre. Além do auxílio em material, que tem sido importante e, em mais duma ocasião, decisivo, as medidas intervencionistas adoptadas pelos Estados Unidos, no plano político e no plano militar, indicam um propósito firme de identificar a causa da Grã-Bretanha com o futuro e com os destinos dos Estados Unidos.

Os pontos de vista da Administração e do Parlamento nem sempre se têm conciliado. Os colaboradores directos do presidente Roosevelt mostram-se incansáveis na tarefa de dissimular ou fazer desaparecer essas divergências. Ao mesmo tempo a campanha isolacionista, nos círculos dirigentes e junto do público, tornou-se preponderante, servida por algumas personalidades categorizadas dos partidos constitucionais, da Imprensa e do mundo financeiro.

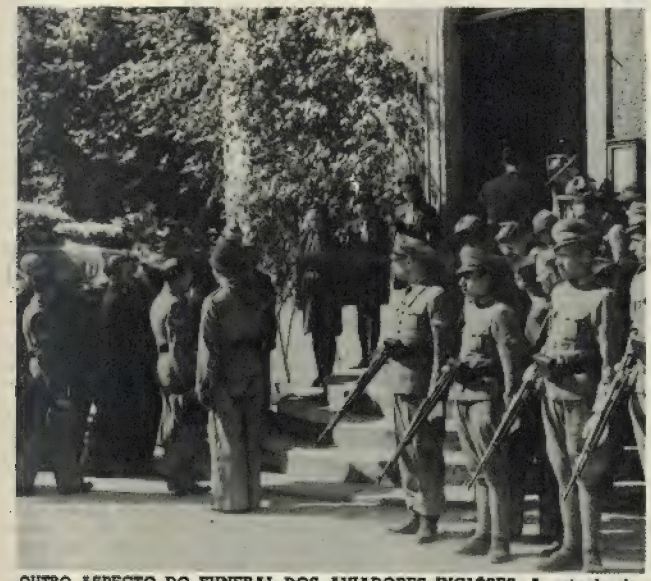
A homenagem simbólica que o govêrno e a aviação da Grã-Bretanha acabam de prestar a um cidadão norte-americano não visa apenas a impressionar as imaginações. Tem um objectivo político mais importante: significar ao Mundo que a opinião norte-americana está disposta a sacrificar-se pela defesa da Grã-Bretanha.

Vida Portuguesa

O «TERÇO» DE ESPECIALISTAS DO BATALHÃO N.º 6 da «Legião Portuguesa» efectuou no quartel de Caçadores 5 uma interessante festa militar legionária a que assistiram os srs. dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), general Casimiro Teles e outras individualidades. À esquerda, a entrega dum distintivo da Legião a um soldado. Em baixo, os altos comandos da L. P. saüdando as tropas que desfilaram.

A SOCIEDADE NACIONAL DE MÚSICA DE CÂMARA promoveu em S. Carlos o festival João Arroyo, que foi o último concêrto da temporada, partocinado pela Fundação João Arroyo, com a colaboração da Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Foi uma festa muito interessante e de alto significado artístico. À direita, o maestro Fernando Cabral, que dirigiu a orquestra, com os cantores Maria Luiza Correia Mendes, Laura Lima, Américo Costa, José Eurico Lisboa e D. António de Bragança, que interpretaram os principais papéis da ópera inédita de Arroyo, «Leonor Teles», considerada a obra-prima do grande compositor. Em baixo, um aspecto da plateia de S. Carlos durante o magnífico espectáculo.

ENTIDADES OFICIAIS que assistiram ao funeral dos tripulantes do avião inglês que se despenhou no mar, ao largo da praia de Fão, em Esposende.



OUTRO ASPECTO DO FUNERAL DOS AVIADORES INGLÊSES. A entrada dos feretros na igreja do cemitério britânico, no Pôrto, onde foram depositados.

A COMEMORAÇÃO DO 14 DE JULHO NO PÔRTO. O cônsul da França lendo o seu discurso junto da lápida dos mortos da Grande Guerra, na Legação. (Foto «Germania»).

NO ASILO D. MARIA PIA, inaugurou-se no domingo a exposição anual de trabalhos escolares. Presidiu ao acto o sr. dr. Braga Paixão, Director Geral da Assistência, que passou revista à guarda de honra — 400 rapazes da M. P.

O REPRESENTANTE DO GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA com os membros da Comissão Central das Juntas de Freguesia, na Junta de Freguesia de Alcântara.

O V ANIVERSÁRIO DO MOVIMENTO NACIONALISTA espanhol foi comemorado na Embaixada com uma sessão solene e a inauguração duma sala de leitura.

O SR. MAJOR BOTELHO MONIZ, agraciado pelo govêrno espanhol com a medalha militar, foi homenageado na Casa Militar numa cerimónia a que assistiu o sr. embaixador de Espanha e outras altas individualidades espanholas.

CONVENÇAO DE PAZ, ALIANÇA DE GUERRA

(Conclusão da pagina oito)

Por Francisco Velloso

cia do ataque, tinha razão. Para ganhar a guerra, é preciso realmente andar de pressa, ou mais de-pressa que a Alemanha, sobretudo neste momento, mesmo sem contar com a Rússia.

CRIPPS CONTRA RIBBENTROP

CRIPPS

Na véspera de conseguir êste extraordinário troféu, a Inglaterra assinava em Moscovo um tratado de assistência com a Rússia, no qual as duas potências comprometem-se a prestar-se mútuo auxílio na guerra e a não negociar a paz separadamente.

Quando nos lembramos de que o mesmo Molotov que apertava a mão a Ribbentrop a 22 de Agôsto de 1939, agora apertou a de Stafford Cripps, podemos bem medir a evolução que o mapa da guerra sofreu no período de dois anos, e como são falíveis os prognósticos que não contam para o seu desfecho com maiores surprêsas.

O novo tratado está na conseqüência lógica da declaração britânica que considerou a invasão da Rússia pela Alemanha no mesmo pé que a da Noruega, da Holanda, da Bélgica, da Grécia, da Polónia e da Jugoeslávia, e da aceitação por Moscovo dessa solidariedade britânica e dos auxílios que ela imediatamente implicou. Sob êste simples ponto de vista, não pode constituir facto novo. Avulta, porém, pelo que contém, e que Churchil resumiu ao dizer: «É uma aliança, o povo russo é nosso aliado». Só com o andar do tempo, no curso dos acontecimentos diplomáticos e económicos, e da duração da ofensiva alemã que suporta o pêso enorme de um grande adversário já adaptado à arte da guerra mecanizada, poderemos com justeza avaliar da fôrça dessa aliança, que aparece como uma desforra da vitória alemã de 1939 e como factor importante na política europeia.

Ocorreu a Churchill de novo que se exploraria êsse tratado para acusar a Inglaterra de emparceirar com o comunismo, e leu, como resposta, estas palavras assás vivas de Smuts:

«Ninguém diga que estamos agora ligados com comunistas e lutando pelo comunismo. Com mais propriedade se poderá acusar os neutrais e os que estão de palanque, de combaterem pelo nazis. Se Hitler, obrigou a Rússia a combatê-lo em defesa própria, abençoamos o exército daquele país e desejamos-lhe a melhor sorte, sem por um instante, sequer, nos identificarmos com o seu credo comunista. Hitler fêz dela um inimigo, mas não nos fêz amiogs do seu credo, da mesma maneira que antes, êle fizera deslealmente dela um amigo, sem ter abraçado as suas ideias comunistas».

A guerra mata — sempre matou — a revolução. As veleidades que ainda supurem em Moscovo, ou são desfeitas pelas fôrças vitoriosas do Reich ou pela presença activa da Inglaterra no Kremlim.

A resistência até agora sensível dos exércitos russos nos dirá qual destas soluções prevalece. Mas, como diria Kipling, isto é outra história.

E DE NOVO A POLÓNIA...

SIKORSKI

O que se acentua no tratado é a posição internacional anglo-russa contra a Alemanha, e ela não se revela sòmente no aplauso unânime que os Domínios lhe deram, mas nestoutro facto que o chefe do govêrno inglês se apressou a apresentar:

«O ministro dos Negócios Estrangeiros, nestes dias de muito trabalho, tem também estado a elaborar um acôrdo entre o Estado russo e a República polaca. Estas negociações ainda não estão terminadas, mas tenho grandes esperanças de que, auxiliados pelas altas qualidades de estadista do general Sikorski, muito brevemente será dado mais um importante passo em reünir todos os povos livres do Mundo, contra quem obscureceu a sua vida e ameaçou o seu futuro».

Hitler tem já sob o poder das suas armas o território da antiga república polaca que em 39 partilhou com Estaline, e poderá por isso antecipar-se a Londres, desde que uma reconstituïção da Polónia seja consagrada pela sua vitória. Não deixa, porém de ser estrondoso ver anulada essa partilha, por efeito da nova aliança que Moscovo acaba de assinar, com a nação que um dia garantiu a Varsóvia ir em seu socorro...

Quási a dois anos da eclosão da guerra, dir-se-ia que o espantoso crime reverte ao local da sua origem, e que Stafford Cripps e Eden estão revendo e reparando aquela tremenda oscilação franco-britânica diante do espectáculo confrangedor das colunas blindadas e dos fragorosos bombardeamentos com que Adolfo Hitler chumbava o *Finis Poloniae* sôbre as ruínas das cidades históricas. Chamberlain morreu vencido da tristeza dos seus desenganos. A França está retalhada à espera de si mesma. O rei Carol voou na explosão. No crâneo do general Von Kritz talvez já não haja sinais de balas na nuca, debaixo da terra. Tudo passou como as avalanches no dôrso de montanhas. E como o pastor de D'Annunzio, parece que vivemos setecentos anos o pesadêlo mau dum castigo sem culpas!

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00.
Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

Visado pela Comissão de Censura

Do vale das Melancolias ao Monte das Aguias

(Conclusão da página seis)

Por Eduardo Dias

levar-nos-ia longe — e eu já disse alhures bastante sôbre tais gentes e suas atitudes para com os europeus.

«Atrás de mim virá quem de mim bom fará»... Os inglêses, não obstante a generosidade com que prometem uma independência dificilmente viável por agora, terão um acolhimento idêntico ao dos franceses nos domínios de Belquisse e de Zenóbia. Em Beirute sabe-se o que representou de desvantagem para a Síria em geral a concorrência de Haifa. Em Damasco recorda-se a manobra de Lawrence com o emir Faiçal e os episódios da formação do Estado do Iraque. É possível que a Inglaterra possa dispôr dos serviços do major Philby, hoje **convertido** ao islamismo e pessoa influente na côrte de Ibne Séude, mas os tempos mudaram consideràvelmente, enquanto o espírito de vingança, a astúcia e a ingratidão proverbial dos árabes continuam imutáveis...

Eis aí, pois, algumas das realidades objectivas acêrca das plagas misteriosas onde, pela primeira vez, anotei fragmentos das histórias de Antar. Recorda-me até, a propósito, que uma delas era assim:

Antar, que sempre ouvira louvores à generosidade espantosa de Hatim (símbolo da prodigalidade entre os beduins), desejava ansiosamente conhecê-lo. Um dia que Antar partiro sòzinho para uma gaziva, montando orgulhosamente o seu indómito Abjer, encontrou um humilde pastor. Ainda que desconhecidos, os dois homens resolveram atacar um rebanho de dez mil e dez camelos. Vencidos os guardas, na altura da partilha, Antar inquiriu do ajudante:

— Como vamos dividir o espólio?

— Tu passas a oeste daquela montanha, sugeriu o pastor — e eu vou em sentido contrário. Depois, ambos chamaremos os animais com o nosso grito especial, ficando cada um de nós senhôr dos que acorrerem à respectiva chamada.

Antar concordou e foi para o local indicado. Quando lançou o grito — e fê-lo imitando a maneira dos pastores — — viu que apenas dez camelos o seguiam. Fulo, já pronto a esmagar o camarada que em mente julgava trapaceiro, Antar dirigiu-se para o imenso grupo de dez mil camelos que rodeavam o singular pastor. E êste, vendo o guerreiro de lança em riste, disse-lhe tranqüilamente:

— A partilha foi com efeito injusta. Eu vi o teu ardor no combate e julgo que todo o rebanho deve pertencer-te... E reconheço-te pela fôrça: Tu és Antar!

— Tu és Hatim! — exclamou o filho de Xedade, com entusiasmo.

— Sou. E ia dizendo que o rebanho devia pertencer-te como justo prémio da tua bravura. Mas... ¿mas que posso eu contra a vontade de dez mil camelos que espontânea e obstinadamente resolveram seguir-me?

Ignoro se Antar julgou de bom quilate a sentença de Hatim e continuou a acreditar na existência de uma virtude que nunca vira praticada pelos beduins: a generosidade. As lendas orientais são sempre de finalidade e moralidade nebulosas — e esta não foge à regra. É fora de dúvida todavia que os sirios lhe emprestam conceito adequado às circunstâncias, porque afirmam estarem as armas de Antar — a sua lança de oiro e o sabre de diamantes — enterrados em Marbate Alhaçam, no sopé do Monte das Águias. E asseguram também que na hora própria, sempre guardada com paciência e fé, surgirá um ribeiro cujos águas descobrirão o tesoiro vingador, dando-lhes então fôrças invencíveis para o **Jihade** — a «Guerra Santa»...

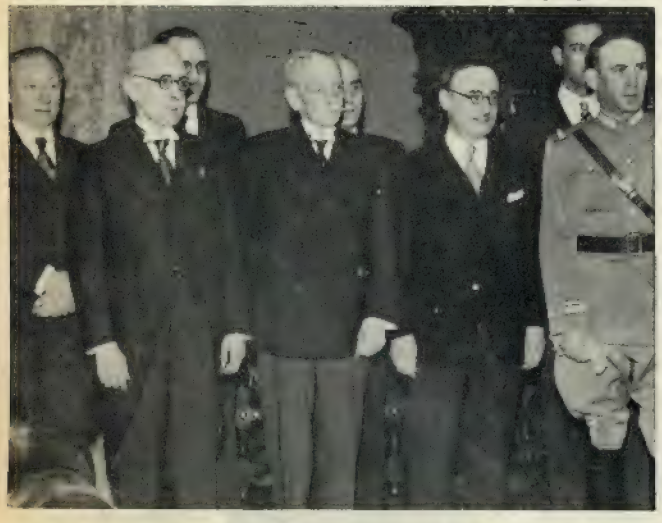
A POLÓNIA Continua a lutar

QUANDO A POLÓNIA CAÍU, mais de 60.000 polacos, depois de viagens aventurosas, conseguiram chegar a França. Ali se formou um govêrno polaco, dois dias depois da tomada de Varsóvia. E êsse novo exército combateu na Noruega e em Dunquerque. A brigada dos Carpatos, que estava na Síria quando a França capitulou, juntou-se às tropas do general Wavell.

A POLÓNIA CONTINUA A LUTAR. A sua Marinha de guerra combate ao lado dos navios inglêses. Mais de 200 oficiais e 2.000 soldados aviadores entraram para a R. A. F., onde se têm distinguido pela sua bravura. O seu comandante é o general Estanislau Ujejski. Polacos residentes em tôdas as partes do Mundo estão acorrendo às fileiras. O general Sikorski, comandante em chefe das fôrças polacas — que acaba de declarar que a Polónia está pronta a auxiliar a Rússia, desde que êste país queira respeitar os compromissos tomados em 1921 — esteve na América — onde existem 4.500.000 polacos nos Estados Unidos e 150.000 no Canadá — a organizar uma divisão polaca. (Fotos Britanova)

NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS, inaugurou-se há dias, com a presença do Chefe do Estado e do sr. ministro da Educação Nacional, uma interessante exposição de trabalhos dos alunos daquêle estabelecimento de ensino superior. Com ela se solenizou o fêcho do ano lectivo.

NO DIA 14 DE JULHO — DIA DA FESTA NACIONAL DA FRANÇA — houve recepção na Legação daquêle país em Lisboa. Perante o ministro, sr. François Gentil, o comandante Jacquier falou, em nome da Legião Francesa dos Combatentes, sôbre a obra do Marechal Pétain e o significado da data que passava.



ALGUNS DIAS ANTES DE EMBARCAR PARA O BRASIL, a Embaixada Extraordinária de Portugal apresentou cumprimentos de despedida ao sr. gen. Carmona.

Deixe de se preocupar com o seu estômago

Existe um excelente específico, gabado por milhares de pessoas de tôdas as terras de Portugal, que não tem igual na rapidez dos efeitos, nem do bom paladar.

Ferve no copo (efervescência) e tem o gôsto de uma riquíssima limonada. Trata-se de uma composição de Sais de Frutas, de Magnésia Bismutada e de Sais de Fontes Célebres. Bebe-se com agrado. Não há azia que resista a êste bom remédio. Chama-se Sal Digestivo Ferba. Com êle não há digestões difíceis. Pode-se comer de tudo. Mesmo tomando-o sempre, nunca cria o hábito. É bom, pode usar o Sal Digestivo de confiança. Não ficará desiludido, qualquer que seja o seu desarranjo gástrico. O Sal Digestivo Ferba é o mais moderno de todos os remédios que reeducam o estômago.

Geralmente, basta um frasco para que o estômago fique completamente bom. Na maioria dos casos, nem é preciso tomar todo o conteúdo de um frasco. Neste caso, não se perde nada, porque o Sal Digestivo conserva-se indefinidamente. Nos casos incuráveis, tomando-o sempre, o doente chega a esquecer-se do seu mal. O Sal Digestivo Ferba é completamente inofensivo. Pode ser tomado por crianças, doentes com dieta, depois de uma refeição copiosa, etc., etc.

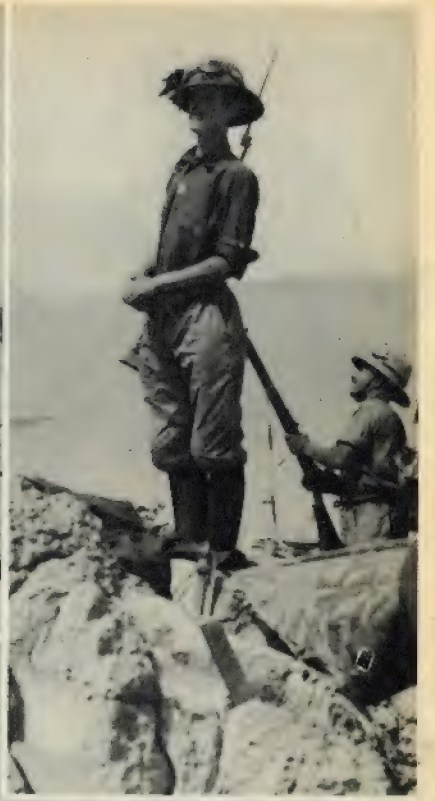
Nunca deixará de dispor bem a pessoa que o usar. Digno de nota é também o facto de o Sal Digestivo regularizar os intestinos, suprimindo a temível e perigosa prisão de ventre. Estimula a acção do fígado. Activa a secrecção biliar. Se dissermos que o Sal Digestivo Ferba actua ainda como fortificante do organismo inteiro, muito importante para as pessoas que sofrem do estômago, as quais têm tendências a emmagrecer e a perder ràpidamente as fôrças, parece-nos termos dado uma ideia aproximada das qualidades do Sal Digestivo Ferba. Êste óptimo produto é uma especialidade exclusiva da FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228 — Lisboa. (Neste momento e devido à guerra, só há um tamanho de frasco: o grande, económico, de 15$00). Peça o Sal Digestivo Ferba no seu fornecedor habitual. Se não encontrar, escreva um simples postal à

Farmácia Internacional

que o mandará na volta do correio, sem mais despesa alguma.

Tôdas as pessoas devem ter sempre presente êste axioma:

UMA BOA DIGESTÃO É A MÃE DA SAUDE.
O SAL DIGESTIVO FERBA
GARANTE-LHE ESSA BOA DIGESTÃO



Imagens da ITALIA na guerra

EM CIMA — À esquerda: «Tanks» italianos em combate durante a última batalha de Sollum; à direita: soldados «bersagliere» italianos de sentinela, na frente do deserto líbico. À DIREITA — Uma peça de artelharia italiana fazendo fogo contra as fortificações de Tobruk.

TIPO DE CANHÃO ANTI-TANK ITALIANO que tem dado já excelentes provas nos vários combates travados com as divisões blindadas inglêsas e que está agora a ser empregado no norte de África.

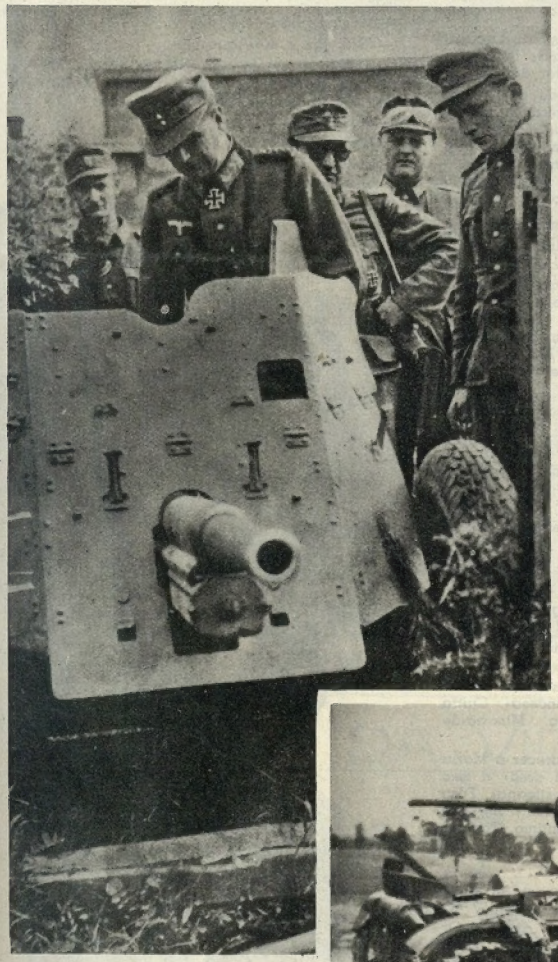
O CALOR APERTA NO DESERTO. Isso faz com que, no aeródromo italiano donde vai levantar vôo êste avião, pilotos e mecânicos se vistam o mais sumàriamente possível.

A FRANÇA *eterna*

ESTA FOTOGRAFIA tirada quando da retirada das tropas francesas, após a capitulação de Junho de 1940, tem ainda hoje uma actualidade e um simbolismo impressionantes. Os franceses choram os seus êrros, as suas desditas, a tragédia do colapso. Mas todos os anos há um 14 de Julho. E nos corações dos franceses, não se esfuma a imagem sagrada de Joana de Arc, a imagem do patriotismo. Sob o pêso da derrota, mantém-se viva, intacta, a chama que animou a França de sempre — a França eterna.

na Frente Oriental

DEPOIS DOS CARROS BLINDADOS ALEMÃES terem desbravado o caminho, inutilizando os «tanks» russos, a infantaria motorizada do Reich prossegue no seu avanço sôbre a Rússia.



VÁRIOS ASPECTOS DA CAMPANHA DA RÚSSIA — Em cima, à esquerda: Um general alemão inspeccionando um canhão anti-carro tomado ao inimigo; à direita: O rolar dum «tank» numa estrada quási impraticável do território soviético. Em baixo, à direita: «tanks» russos avariados pelas tropas alemãs.

A Graça de ser pura

Novela por Mário Barros

TÃO grandes — e tão pequenas, afinal — eram as suas aspirações que não cabiam dentro do seu peito e, por mais que fizesse, para reprimir o que sentia, não havia maneira.

A Maria da Glória, flor de candura, dezoito anos a rir na despreocupação duma mocidade que lhe dava beleza, tinha o seu sonho, o sonho que anda na cabeça de tôdas as raparigas bonitas, o sonho que pica de desejos tanta alma...

Era pobre. A família e ela tinham de agenciar o pão de cada dia. Todos trabalhavam. Ela sem grande vontade, é certo, mas lá ia. O seu sonho doirava-lhe a labuta e o trabalho sempre lhe dava aquilo que queria: mais um vestido, mais uns sapatos, mais umas meias...

Sentia que não tinha nascido para burra de carga. O espelho dizia-lhe uns segredos que a endoidavam. Gostava de se arranjar. Tinha mesmo uma certa «coquetterie» que a sua condição humilde não justificava muito.

A pobre mãe ralava-se com êste geito da garota, mas no fundo achava bem que ela fôsse diferente das outras. Ainda porque... Ainda porque sabia tê-la, ali, em graça e pureza, lírio rasteiro, é certo, mas branco como o manto de Nossa Senhora!

As outras — as que moravam no casal — tinham-lhe inveja. Quási tôdas haviam sacrificado a virtude na cegueira dum prazer, na ânsia dum pouco de liberdade, de independência... cheias de filhos, mais miséria a crescer — e os homens não queriam saber delas.

Víboras que morderam uma vez, que deixaram o veneno da desgraça, que passaram, enquanto a desdita aumentava e as ilusões caíam num fragor de desventura.

Os rapazes cobiçavam-na. Rondavam-lhe a porta. Lobos esfaimados de carne e de graça, de virtude e de amor. E ela resistia. Com que energia negava sorrisos a êsses canalhas que só queriam fazer mal...

— Talvez penses que não há-de chegar a tua vez... — diziam-lhe as vizinhas mordidas de inveja por a verem resplender inocência.

— Se por desgraça chegar, que hei-de fazer? — rematava a Maria da Glória e seguia o seu caminho.

Via-se mesmo que ela não tinha propensão nenhuma para o trabalho. Isto de andar a dias era um suplício. Mas, enfim...

Ia sofrendo até que Deus quisesse. Era ordem do mundo. A mãe precisava de ajuda...

De noite, quando tudo era escuro em casa, e todos dormiam, ela na cama pequenina do seu quarto, que era mais um agulheiro, punha-se a pensar na vida. Passava horas e horas nisto. Os seus cálculos, as suas aspirações, os seus desejos...

Ilusões, talvez. Quimeras a entornarem oiro diante dos seus olhitos claros e cheios de meiguice... E, no fim, o sono vencia-a e as lágrimas aguavam-lhe o rosto largo mas simpático, e caíam em fio na almofada.

Quando acordava via o chaile, e o lenço, e o avental e os tamancos e metia-se na realidade da vida. Eram horas, tinha de ser. E lá ia!

Outro dia que passava metida à canga. Era igual ao de ontem, seria o mesmo àmanhã...

— Negra vida! — e chorava vencida e esmagada pela fôrça do destino que a fazia sofrer aquele martírio e não lhe dava uma hora de sossêgo.

— Quando acabará isto? — interrogava-se exausta de tanto lutar.

O mulheredo do sítio espreitava-a. Algumas andavam-lhe na cola a espionar o que ela fazia. A Maria da Glória tinha um namôro. Rapaz que agradava mais à mãe do que a ela. Não era fôrma para o seu pé. Andava com umas e com outras para lhe fazer ciumes e ver se a apanhava. E ela resistia pacientemente e aturava-o com mêdo das bocas do mundo.

Era preciso — não que pensasse, mas o instinto assim exigia — que tivesse um namorado ali, não dessem elas em dizer que se gastava em amores, fora do casal, com algum que não fôsse da sua igualha. Até nisto o seu coração se sacrificava, na inconsciência dos seus dezoito anos irresponsáveis. Pensou em sofrer esta tortura até que chegasse à maioridade e então, senhora de si, sem que ninguém tivesse nada a ver com ela, faria o que lhe desse na cabeça.

Era uma ideia e deixou-se adormecer nela. E continuava a conversar com o seu Manuel, à porta, antes de anoitecer, nos dias em que não ia trabalhar. Nos outros, êle esperava-a no caminho e vinha ao lado dêle, muitas vezes sem trocarem palavra.

A porta despediam-se.

— Adeus, Maria!

— Adeus, Manuel!

E a Maria da Glória perdia-se no escuro da casa, ia para a cozinha à espera que a mãe lhe desse uma tigela de café e se fôssem deitar depois.

Iam as coisas andando dêste modo até que o Manuel se aventurou a fazer-lhe certa proposta, incitado pela Rosa Padeira, espécie de megera que havia lá no sítio e por casa de quem tinham passado quási tôdas as raparigas do casal, quando o destino as levava à desgraça.

— Tu pedes-me uma coisa dessas?

— E, porque não? Não vou eu casar contigo?

— Ora, promessas... E tu podes faltar!

— Mas se te juro...

— Não chega a jura, Manuel, em caso tão sério. Tenho sabido trocar as voltas ao desejo que tens há muito tempo. E consumo-me para não ser como as outras, e és tu, que queres casar comigo, que me dizes uma coisa dessas? Não, Manuel, não! Segue o teu caminho, que eu não quero dar glórias a ninguém. Prefiro tudo!

— Mas... — aventurou o rapaz, esmagado por tão forte decisão.

— Qual, quê! Vai-te maroto! Era para isso que me querias, hein? E depois? Era mais uma, não é verdade?

O Manuel não teve fôrças para insistir e foi, muito corrido, dar conta à Rosa Padeira do que se passara.

A Rosa ficou danada quando êle lhe referiu o passo.

— Não tens geito para nada... Agora «assobia-lhe às botas»... Espantaste a caça! Parvalhão!

— Mas, tia Rosa, a rapariga é séria... Não quis, pronto!

— Isso sei eu! Se tu a tivesses sabido levar... Agora vai ela rir-se de nós, a «Princesa». Cuida que «aquilo» serve para alguma coisa... Mas há-de cair! — rosnou a velha por fim.

O Manuel não tinha cara para aparecer à Maria da Glória. Levara «uma corrida em osso» e isso não se ajustava à sua «cavalaria rusticana». Fôra um desaire. E gostava dela... A valer! Ela era diferente das outras. Caíra-lhe no íntimo. Tomara conta dêle...

— E, agora? — interrogava-se.

Era noite. Não se via um palmo diante do nariz. Ao longe ouvia-se o chocalhar dum rebanho. As estrêlas eram pregos de oiro no azul do céu. Os ralos e os grilos faziam a sinfonia estrídula dessa noite calma. O Manuel foi passar pela porta da Maria da Glória. Não viu ninguém. Nem viva alma. Depois foi-se à deita. O dia seguinte seria o que Deus quisesse.

Em casa da rapariga a coisa passava-se de outra maneira. A mãe dissuadia-a de acabar com o namôro. A filha insistia no seu propósito. Não queria vê-lo mais. Canalha!

— Quem pensa êle que sou eu?

— Ora, filha, são homens... Há que ter paciência...

— Também vocemecê me «assassina» com essas? Quere a minha desgraça?

— Não, filha de Deus, não! O Manuel é um bom partido. Tem umas courelas, o moinho, o olival... Que mais queres tu?

A Maria da Glória respondeu-lhe com decisão:

— Quero poder olhar para si, até casar, com estes olhos, ouviu? Com estes! — e cravou o seu olhar no olhar da mãe.

Não havia que ver. Tinham ido por água abaixo os planos da Florinda. Fôra-se a certeza de melhores dias. A Maria da Glória deitava a felicidade à rua.

Seria o que Deus quisesse.

Para desimaginar o Manuel, a rapariga foi servir para Lisboa. Isto «olhar que não vê...». As vizinhas roeram a coisa como puderam, mas sempre a mastigar infâmias.

Um dia tiveram notícias da Maria da Glória. A mãe levara-lhes a novidade. Estava bem e ia casar.

— Mas ela não está a servir?

— Está. Diz a mãe que sim...

— A bem dizer ela não está de criada... Parece que uma senhora muito rica a tomou, afeiçoou-se a ela... e fê-la uma senhora...

— Mas onde é isso?

— Não se sabe...

Êste era o rumor do mulherio do casal, quando adregava encontrar-se e debicar na vida da pequena. Pairava sôbre elas uma dúvida que as confrangia.

Há almas muito torpes, bom Deus! Pois se a Rosa Padeira se botou a Lisboa só para saber a certeza...

E andou por lá três dias em esculcas e preguntas, por aqui e por ali...

Pensava elà que Lisboa se podia comparar ao Casal de Santo António. Palerma!

Até que... Até que conseguiu descobrir a rapariga.

Estava outra. Uma senhora de verdade. A beleza que a virtude dá punha-lhe no olhar um brilho que só as estrêlas têm. A linha airosa do seu corpo rescendia graça. A sua voz tinha a limpidez da água nascente.

A Rosa Padeira não encontrou uma palavra para lhe dizer. Pasmou! Desculpou-se como pôde. Deu razão da vinda a Lisboa e preguntou-lhe se queria alguma coisa para a mãe.

E ela respondeu-lhe:

— Olhe, tia Rosa, diga à minha mãe que os «banhos» para o meu casamento começam a correr no domingo. Que vá ouvi-los à igreja. Não lhe diga mais nada!

— E com quem é?

— Isso agora... Diga-lhe isto e... basta! — e despediu-se.

A Rosa ficou passada. Quando chegou ao casal contou tudo e deu o recado à Florinda.

Foi o fim do mundo. — Quem será? — Quem não será?

O certo é que no domingo seguinte a igreja encheu-se mais do que o costume. Havia um movimento de curiosidade naquela gente, mortinha por saber qual o destino da Maria da Glória. O prior, indiferente, lá engrolou o nome dela misturado com o do noivo sr. dr. Álvaro Manuel de Sousa e fêz-se um «oh!» quási sacrílego por tôda a igreja e principiou a missa num bichanar de coscuvilhice que embaciava a piedade e a devoção de quem tinha ido ali para rezar.

Cá fora é que foram elas. O casamento da Maria da Glória foi o caso do dia e a Florinda teve de trancar a porta para não aturar as vizinhas.

O Manuel, já casado com uma filha da Rosa Padeira, roía-se de remorsos e, naquela manhã, fugiu do casal.

... ...

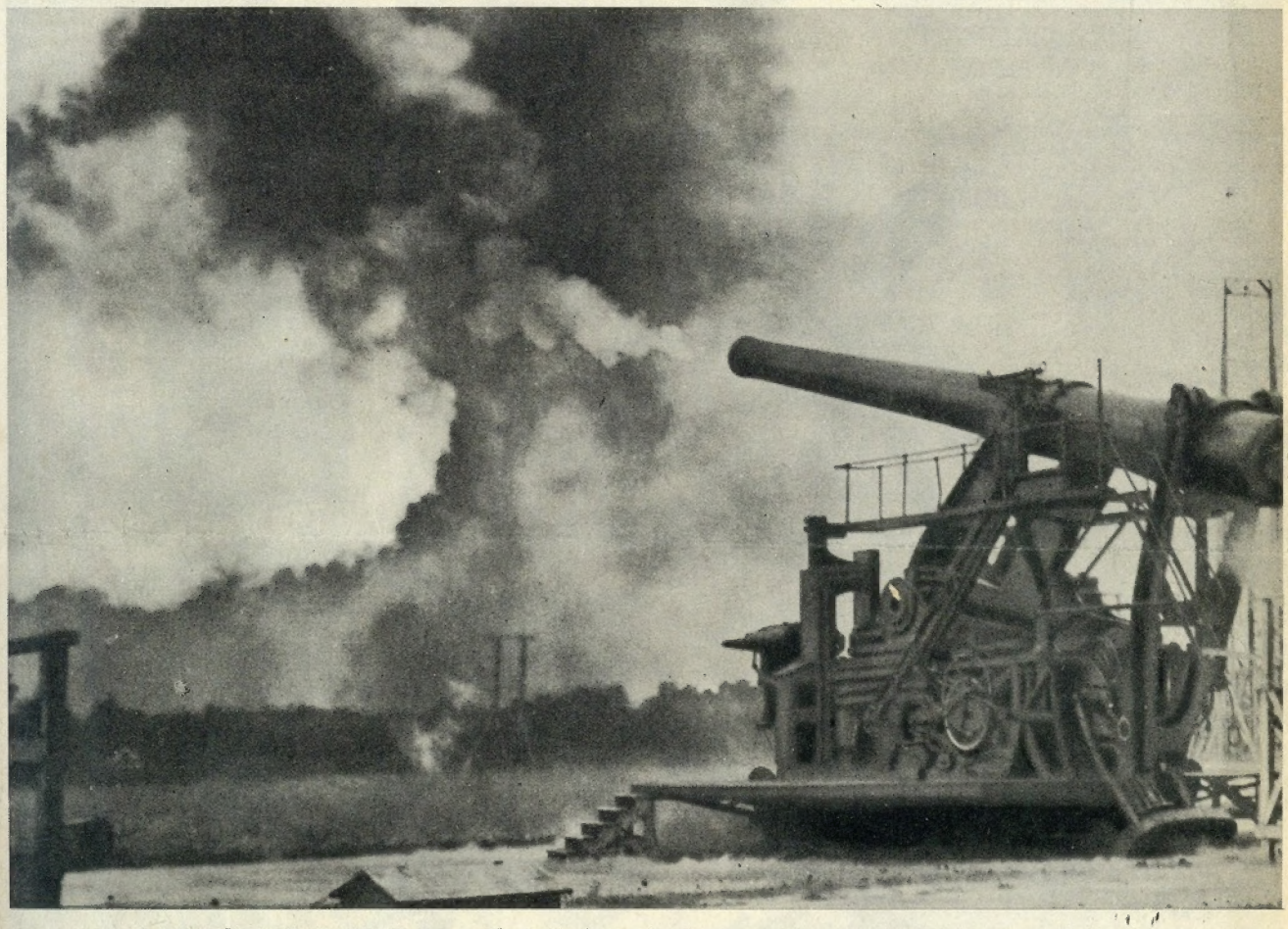
Passado um mês, se tanto, a Maria da Glória casava-se em Arroios com o sr. dr. Álvaro Manuel de Sousa, médico em Tôrres Novas.

Como foi?

Se a Vida não fôsse isto, quem poderia esperar dela a felicidade?

A virtude — e só essa — perfumou a alma de quem soube esperar para vencer...

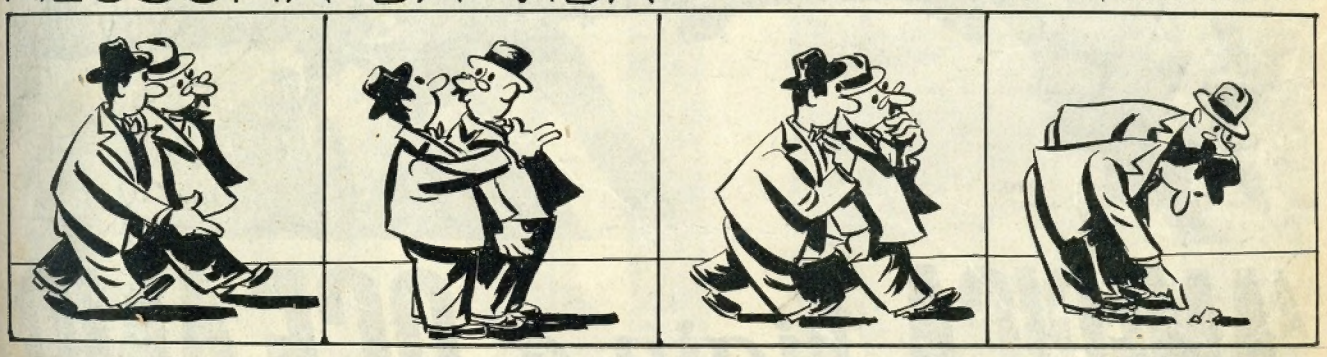
Foi a Graça que ungiu de encanto o sorriso que prendeu êsses dois corações, que hoje são felizes.



A EXPLOSÃO DUMA GRANADA dum canhão inglês de grande alcance, montado em carris de ferro, na costa de Dover.

FILOSOFIA DA VIDA

Por Stuart Carvalhais



— Pois, meu amigo, é como lhe digo: o homem é o mais estúpido dos animais... E vou-lho provar com factos... Ora faça o favor de ouvir...

— Por exemplo: o homem só toma remédios quando se sente doente. E, afinal, devia tomá-los quando tem saúde, para evitar as doenças... Não é verdade?

— Outro: Farta-se de fumar enquanto vive, quando era depois de morto que deveria fazê-lo para subir ao céu mais fàcilmente... Não lhe parece?

— E, quando dá uma topada, o estúpido do bicho-homem vai logo ver onde a deu, quando, afinal, deveria era ter êsse cuidado antes ... para a evitar.

Marinheiro da Armada norte-americana olha o céu, fazendo mover a sua metralhadora anti-aérea.

A AMÉRICA vigia o OCEANO

Vida MUNDIAL Ilustrada